

DESORDEM

Cerca de 50 bancas construídas a partir de 2000 vendem e instalam equipamentos para automóveis. Alguns comerciantes compraram o terreno da Terracap por licitação, mas a maioria continua irregular

Preços são a principal vantagem

RENATO ALVES
DA EQUIPE DO CORREIO

Algumas das maiores irregularidades da Feira dos Importados estão concentradas nas duas fileiras com cerca de 50 bancas que vendem e instalam acessórios para veículos, principalmente som e pelúcia. Todas foram erigidas de forma provisória e ilegal, a partir de 2000. Sem serem incomodados pela fiscalização, os comerciantes acabaram consolidando e expandindo seus negócios. Os da fileira que faz divisa com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) conseguiram comprar o terreno por meio de licitação em 2006, realizada pela Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap). A outra metade continua na ilegalidade e cometendo abusos.

Os boxes ilegais são abastecidos com água e energia elétrica roubadas. As ligações clandestinas estão expostas no corredor asfaltado que separa as duas filas de barracas. Emanhados de fios de energia cruzam a pista, sempre lotada de carros. Além disso, a maior parte das bancas ganhou um segundo pavimento. Algumas têm o terceiro. Além de depósito de mercadorias, os cômodos servem até para

moradia, em uma área onde só deveria haver comércio. As obras de expansão dos boxes são escancaradas, feitas à luz do dia. Assim como as ligações clandestinas de água e luz.

Nenhum dos comerciantes dos boxes de acessórios para veículos procurados pela reportagem quis dar entrevistas. Alguns hostilizaram a equipe e afirmaram que nada mudaria. Os clientes sabem das irregularidades, mas procuram as barracas por causa dos preços, geralmente abaixo do mercado regular. "Sei que muita coisa aqui é ilegal, uma bagunça, mas os preços são atraentes", ressaltou o administrador Carlos Duarte, 42 anos, morador da Asa

Sul e dono de uma picape que recebia alto-falantes comprados em um dos boxes ilegais, na tarde de quinta-feira.

Derrubada

Diretor da Agência de Fiscalização do DF (Agefis), Rôney Nemer anuncia uma série de operações para retirada de ambulantes e quiosques ilegais da Feira dos Importados. Mas não revela quando terão início as ações. "Começamos a fazer um mapeamento da área na terça-feira. Precisamos saber a situação de cada comerciante", alega. Ele garante a derrubada de todos os quiosques de madeira instalados no estacionamento da Ceasa. "Aqueles que se adequarem às regras poderão ganhar um box no Shopping Popular (ao lado da Rodoviária)", adianta.

Apesar de demonstrar surpresa com alguns flagrantes feitos pelo Correio, como a instalação de serralharias e construção de moradias sobre boxes, Nemer afirma que os fiscais têm atuado na Feira dos Importados. "Nossa ações são intensificadas no fim de semana, quando aparecem mais ambulantes", diz. Ele conta que, em 5 de julho, os fiscais apreenderam madeiras que seriam usadas na construção de mais 32

quiosques ao redor da feira. Sobre as serralharias, Nemer afirma que estão todas são ilegais porque "fogem da atividade típica de feira".

A assessoria do Ministério Públíco do DF e Territórios informou que o promotor Vandir Silva Ferreira, da Promotoria de Justiça de Defesa da Pessoa Idosa e da Pessoa com Deficiência (Prodi), está de licença. Já a Secretaria de Agricultura alegou que a Ceasa passa por mudanças de gestão. O administrador do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), Leônicio Carneiro, disse não ter fiscais e que as operações contra as ilegalidades da Feira dos Importados são responsabilidade da Afefis.

66 AQUELES (QUIOSQUES INSTALADOS NO ESTACIONAMENTO) QUE SE ADEQUAREM ÀS REGRAS PODERÃO GANHAR UM BOX NO SHOPPING POPULAR

Rôney Nemer,
diretor da Agência
de Fiscalização do DF

99

MAPA DA FEIRA

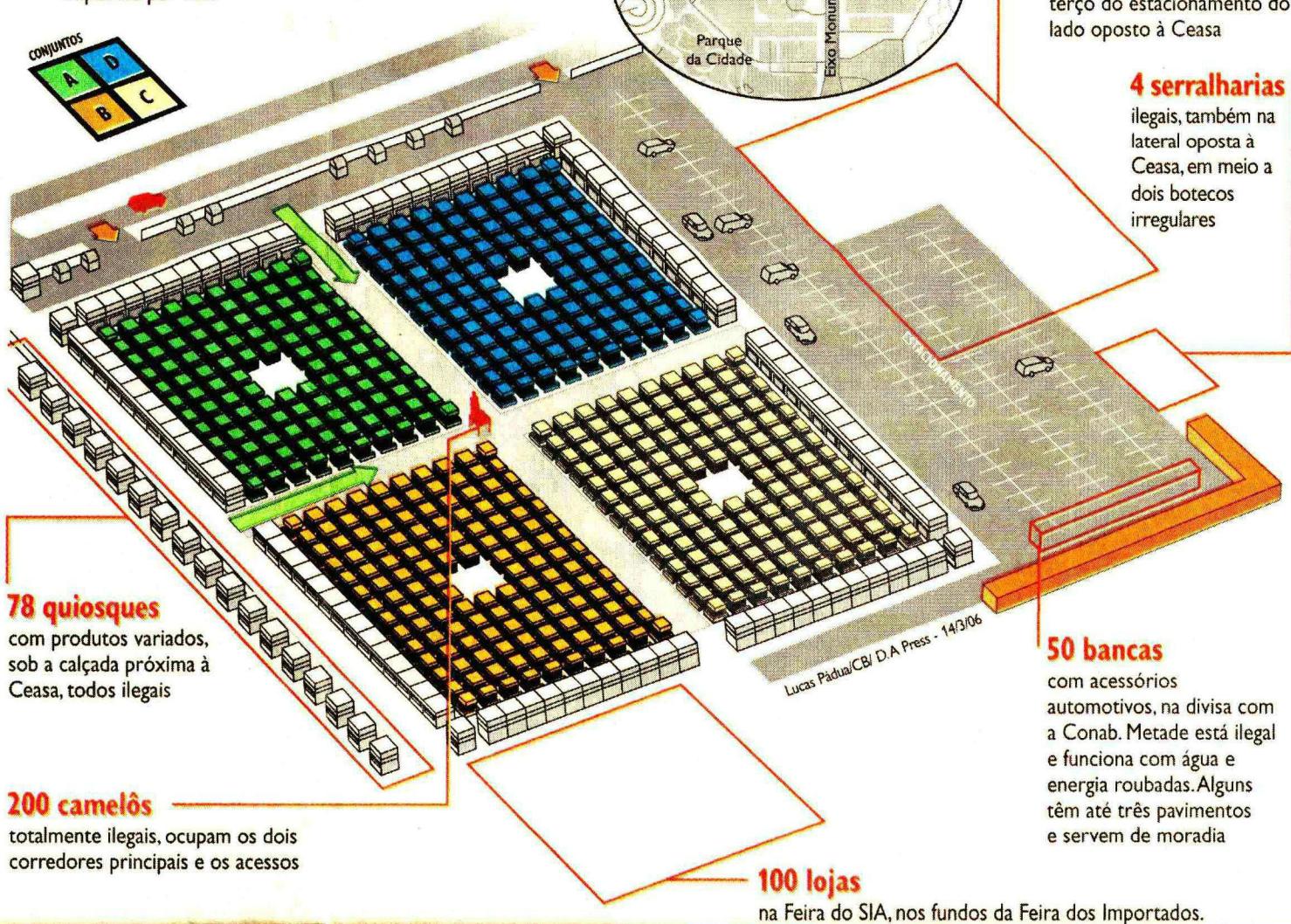
Criada há 11 anos, a Feira dos Importados é composta por quatro blocos construídos em área da Ceasa, no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA). Os clientes e os permissionários, que pagam impostos, convivem com uma série de ilegalidades nos corredores e ao redor da feira.

NOS BLOCOS 2.094 lojistas

cadastrados (2.000 instalados em boxes e 94 em quiosques, maiores)

R\$ 180

é quanto cada um paga em impostos por mês



R\$ 3 milhões

é quanto pagaram pela troca do piso e instalação elétrica

6 banheiros

inaugurados há dois anos. Por falta de manutenção, estão quase abandonados



- Legendas
- Banheiro público
- ◆ Portões de acesso
- ▲ Área de livre circulação
- Espaço destinado para instaladores de som automotivo

2 obras
recentes, um estacionamento pago e um prédio para escritórios. Construídos legalmente, tomaram um terço do estacionamento do lado oposto à Ceasa

4 serralharias

ilegais, também na lateral oposta à Ceasa, em meio a dois botecos irregulares

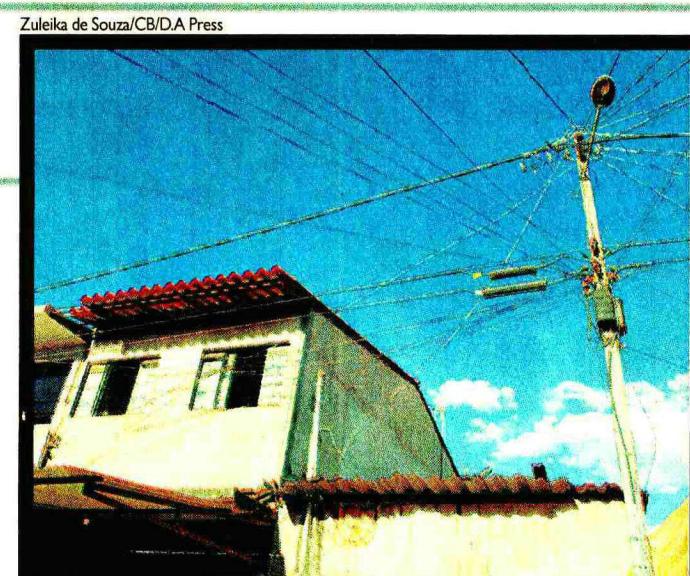
- 50 bancas**
com acessórios automotivos, na divisa com a Conab. Metade está ilegal e funciona com água e energia roubadas. Alguns têm até três pavimentos e servem de moradia

Zuleika de Souza/CB/D.A. Press

Roubo de água e de energia

Os permissionários da Feira dos Importados reclamam da falta de ação contra as invasões. Dizem que pagam uma média de R\$ 180 mensais em taxas para poder trabalhar e acusam os quiosqueiros invasores de roubarem a água e a energia da Feira dos Importados. "Eles fazem comida naqueles quiosques, que têm luz elétrica. Mas lá não há padrão de luz nem água encanada. De onde você acha que eles (os quiosqueiros) tiram a água e a energia? Daqui da nossa feira, onde pagamos por tudo", desabafa o presidente da Associação dos Comerciantes da Feira dos Importados, Absalão Ferreira Calado.

À frente da associação há quatro anos e dono de uma lanchonete que funciona na feira desde que ela surgiu, em 1997 (veja memória), Calado diz que alguns permissionários alugaram suas bancas regulares para ocupar um dos quiosques do entorno. "Assim eles ganham o aluguel e deixam de pagar os impostos", observa. Outra pioneira da feira, a vendedora de perucas e fantasias Fátima Maria de Barros Valadares faz as mesmas acusações. "Se eu não pagar as taxas, posso perder a minha permissão. Mas, do lado de fora,



LIGAÇÕES CLANDESTINAS ABASTECEM OS QUIOSQUES AO LADO DA FEIRA

pode tudo", reclama. "Fizemos de tudo para haver acessibilidade aqui dentro, enquanto lá fora os quiosqueiros ocuparam toda uma calçada e fecharam a passagem", emenda.

Estacionamento

No lado oposto à Ceasa, o estacionamento público destinado aos clientes da Feira dos Importados está cada vez menor. Primeiro, cercaram um espaço e começaram a cobrar pelas vagas para carros. Depois, ergueram um edifício de salas comerciais ao lado. Os dois negócios foram montados com autorização do governo. Empresários ganharam o direito de explorar os espaços após participarem e vencerem licitação.

ções, surgiram outras, nada legais. Uma é um lava a jato.

Com serviços anunciados em placas espalhadas no estacionamento que deveria ser de uso público, homens tomaram muitas das vagas para lavar, encerar e secar os carros dos seus clientes. Nos fundos, quatro barracas de madeira sem nenhum padrão abrigam serralharias. Uma delas virou fábrica de boxes de feiras, como os que são instalados no novo Shopping Popular, ao lado da Rodoviária. Em meio a essas barracas, há dois bares. Um deles, com uma mesa de sinuca no centro, transforma-se em ponto de encontro de feirantes e funcionários no fim do dia, com direito a música alta e todo

MEMÓRIA

Abrigo de camelôs

Em 1992, camelôs espalhados pela cidade decidiram se concentrar em um estacionamento entre a 503 e a 504 Sul. Era o inicio da Feira do Paraguai, conhecida pela venda de produtos eletrônicos contrabandeados a preços abaixo dos de mercado. Em 1994, após reclamações dos comerciantes das duas quadras, os ambulantes foram transferidos para o estacionamento do Estádio Mané Garrincha. Três anos depois, o GDF os levou para uma área pública de 70 mil metros quadrados, ao lado da Ceasa, no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA). O local passou a ser chamado de Feira dos Importados. Juntaram-se aos antigos camelôs do Plano Piloto os ambulantes da Feira do Guará. Durante a instalação, houve confronto de camelôs com policiais militares. Há dois anos, os quatro boxes ganharam cobertura e pisos antiderrapantes. Hoje há mais de 2 mil expositores, que vendem de comida e móveis a computadores de última geração, legais ou de origem duvidosa.